

ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DE HÁBITOS EM FINANÇAS NA MOTIVAÇÃO EM CONTINUAR A EMPREENDER POR MICRO E PEQUENOS EMPRESÁRIOS DE CAMARAGIBE-PE.

KEVIN FERREIRA CORCINO

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (USCS)

FRANCIELE ALVES DA SILVA

CENTRO UNIVERSITÁRIO MAURÍCIO DE NASSAU (UNINASSAU)

MÁRIO JOSÉ DE OLIVEIRA MACHADO

CENTRO UNIVERSITÁRIO MAURÍCIO DE NASSAU (UNINASSAU)

THALES FABRICIO DA COSTA E SILVA

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (USCS)

ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DE HÁBITOS EM FINANÇAS NA MOTIVAÇÃO EM CONTINUAR A EMPREENDER POR MICRO E PEQUENOS EMPRESÁRIOS DE CAMARAGIBE-PE.

1. INTRODUÇÃO

As micro e pequenas empresas absorvem com mais facilidade os efeitos econômicos negativos e, por serem mais flexíveis em suas estruturas, podem esboçar reações mais rápidas aos períodos de crise. Já as empresas a partir do porte médio em estrutura e faturamento, por serem naturalmente mais dependentes de um contexto econômico mais estável, podem levar mais tempo para reagir às mudanças cada vez mais constantes, tornando-as vulneráveis a cenários de instabilidade (FARAH; CAVALCANTI; MARCONDES, 2020).

No que tange à mão de obra, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresa (2020) em 2019, as micro e pequenas empresas foram responsáveis por cerca de 72% dos postos de trabalhos gerados no Brasil, empregando trabalhadores de vários níveis de escolaridade e de classes sociais; as grandes empresas são caracterizadas por possuírem trabalhadores com maior qualificação. Nesse cenário, nota-se uma necessidade de qualificação de mão de obra nesse importante segmento, sobretudo em função do alto índice de mortalidade das empresas desse segmento no Brasil. A baixa taxa de sobrevivência dos micro e pequenos negócios se deve a uma combinação de fatores que envolvem, principalmente, o planejamento e a capacitação dos empresários em gerir os diversos aspectos empresariais, entre eles, o aspecto financeiro (VIEIRA NETO; MARINHO; CARVALHO, 2018).

Nesse sentido, toda empresa busca a maximização da sua riqueza como consecução do objetivo e papel econômico de uma organização com fins lucrativos. Em um cenário de inovação na forma de operação das empresas, a correta gestão financeira torna-se, então, fundamental para o sucesso de qualquer organização. A importância de um correto planejamento estratégico, operacional e financeiro permite às empresas terem controle sobre vários aspectos cotidianos administrativos e preparam as organizações para desafios que possam surgir em cenários de instabilidade econômica e política. Nesse contexto, uma administração orçamentária voltada para uma saúde financeira pode ser um fator determinante na sobrevivência em um mercado instável e ao mesmo tempo competitivo (SIQUEIRA; BARBOSA, 2017).

Segundo o SEBRAE (2020), a ausência de educação em gestão de empresas e administração financeira é uma das principais razões para o baixo índice de sobrevivência das pequenas e microempresas no Brasil. Muitos empresários desse segmento tem no empreendedorismo uma única forma de obter renda. Em um cenário de crise econômica e alto índice de desemprego, o empreendedorismo de necessidade tende a ser um forte fator motivacional entre aqueles que começam esta atividade econômica. Diferentemente do empreendedorismo de oportunidade, onde a motivação empreendedora é baseada em livre escolha de atuação, ainda que se possua alternativas na área profissional. Em ambos os aspectos, a baixa qualificação terá um impacto negativo para os empresários que desconhecem instrumentos e práticas de uma boa gestão financeira na sua vida pessoal ou profissional (MIGUEZ; LEZANA, 2018).

A economia no Brasil é fortemente impactada pela atuação de micro e pequenos empresários, seja sob o aspecto da formalidade ou no âmbito da informalidade. A forma de atuação na gestão financeira dessas organizações pode impactar no aspecto da motivação dos micro e pequenos empreendedores. Portanto, além de conhecimento e habilidades necessárias, a motivação dos profissionais pode atuar como fator determinante de sucesso (BOZZO *et al.*, 2019).

A motivação é um dos fatores primordiais para o empreendedor, não só quando o indivíduo toma a decisão de abrir o negócio, mas também faz parte de todo o processo de funcionamento da empresa. O empreendedor necessita de motivação para tomar decisões, fazer mudanças e acrescentar algum produto ou serviço quando for necessário, mediante a visão que consegue obter com as oportunidades e ameaças do mercado. Portanto, o baixo nível de motivação do empreendedor pode repercutir negativamente na operação do seu serviço.

Em cidades de médio e pequeno porte, a participação das micro e pequenas empresas na economia local e regional é um elemento vital na qualidade de vida dos munícipes. A cidade onde o estudo foi realizado, Camaragibe, em Pernambuco, foi fundada há 39 anos, tem uma população aproximada de 158.000 habitantes, e um PIB corrente anual de R\$ 1.757.192.415,00, sendo a 15ª entre os 184 municípios do estado de Pernambuco. É uma das principais cidades da região metropolitana de Recife e está entre os 8 maiores municípios em número de empresas em Pernambuco, possuindo cerca de 19.500 empresas com sede em seu município (IBGE, 2020; SEBRAE, 2020).

Devido a importância de uma gestão financeira saudável para longevidade das micro e pequenas empresas e a motivação para continuar exercendo a atividade econômica, esta pesquisa visa analisar o perfil dos microempreendedores e pequenos empresários que atuam no município de Camaragibe-PE, identificando o percentual de influência que conhecimento e hábitos na área de finanças pessoais têm na motivação em continuar a empreender.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O planejamento financeiro é um instrumento estratégico que promove sucesso em atingimento de metas no âmbito pessoal e empresarial; quando bem gerenciado e implementado, auxilia no desenvolvimento de uma vida financeira saudável. Em cenários de instabilidade no mercado econômico, um planejamento financeiro eficiente se torna um fator essencial para sobrevivência. Para Gitman (2001), as organizações utilizam o planejamento financeiro como forma de alcançar suas finalidades através de alocação de recursos de maneira eficiente.

Porém, para administrar de modo eficiente, as organizações precisam de gestores capacitados e com conhecimento em gerenciar bens monetários. Portanto, o planejamento financeiro tem o seu início no conhecimento e hábitos financeiros dos seus gestores. Segundo Ross, Westerfield e Jaffe (1995), o planejamento financeiro é essencial para o cotidiano operacional nas empresas e famílias, uma vez que está atrelado não ao agente executor, mas aos objetivos traçados e a melhor forma de alcançá-los.

Entre os desafios que as empresas e as famílias encontram, está a financeirização da economia brasileira, um processo que começou a ser acompanhado pela literatura acadêmica no Brasil a partir da década de 1990. O processo de financeirização da economia pode ser definido pela mudança do padrão de funcionamento de acumulação de riquezas nas economias, aonde a acumulação e geração de riquezas acontecem de forma preponderante, por canais financeiros, e não através das atividades diretamente e tipicamente produtivas, como a indústria, comércio e agricultura (BRUNO, 2011).

Com o advento de novas formas de acumular e gerar riquezas, a economia brasileira passa a contar com uma maior abertura e popularização do mercado financeiro e de capitais, apoiado com o surgimento de startups e empresas de desenvolvimento de produtos financeiros totalmente digitais; nesse cenário, a bolsa de valores B3 atingiu em 2020 o recorde de 3 milhões de investidores pessoas físicas. Portanto, para as famílias e organizações, o escopo de decisões, visando maximização de renda, tornou-se muito mais amplo e dependente de informações (VIEIRA *et al.*, 2021).

Diante de um cenário que demanda das empresas e famílias a necessidade de um fluxo constante de conhecimento, o impacto de decisões na área financeira vai abranger tanto a administração de negócios quanto a dos recursos pessoais. O planejamento financeiro pessoal tem os mesmos objetivos aos das empresas, uma vez que ambos buscam o aumento de patrimônio e geração de renda para os envolvidos (CONFESSOR, 2021).

No âmbito dos microempreendedores e pequenos empresários, a gestão administrativa das finanças pessoais reflete de forma intensa na gestão financeira da empresa, a ausência de poder remuneratório e o tamanho limitam o acesso de mão-de-obra qualificada na gestão. Para Matos (2017), a ausência de capacidade de gestão tem um efeito intenso no alto índice de mortalidade entre as micro e pequenas empresas nos primeiros 2 anos de abertura.

Conforme pesquisa do Sebrae (2016), os três principais fatores de causa para mortalidade das micro e pequenas empresas nos primeiros 2 anos de abertura no Brasil foram a ausência de planejamento prévio, gestão financeira e comportamento do empreendedor. Existe, portanto, uma repercussão dos hábitos financeiros pessoais deste grupo de empresários no modo de planejamento e gestão para as micro e pequenas empresas.

2.1 Finanças Pessoais

Para Solow (1956), o centro de uma economia está no núcleo familiar, pessoas que possuem algum nível de educação financeira, tem uma maior capacidade de desenvolver um planejamento financeiro pessoal, gerando poupança e possibilidade de investimento. Os estudos em finanças pessoais delineiam os princípios para o entendimento de controle de recursos financeiros que possibilitem a capacitação das pessoas, para que aprendam a aplicar este conhecimento nos processos que envolvem a tomada de decisão.

Este conhecimento adquirido repercute na forma em que a população consome, cria poupança e investe os recursos para gerar mais renda, um processo que tem um impacto em toda a cadeia econômica de uma nação. Os princípios que norteiam a alocação de recursos nas empresas têm em sua base os mesmos princípios que as pessoas utilizam em suas finanças (HUGENTOBLE; HEIDRICH, 2020).

Para Silva e Farago (2013, p. 23), “no planejamento financeiro de uma empresa, muitas atividades são necessárias e estão interligadas. Já no ambiente familiar, essas atividades são mais simples, embora necessitem do mesmo controle e determinação”. Logo, no aspecto mais simples, a forma de gerir as finanças pessoais tem o mesmo resultado pretendido na gestão de empresas e conseqüentemente a capacitação de um indivíduo sobre finanças resulta em melhores decisões tomadas tanto no aspecto familiar quanto empresarial.

O processo elementar de toda gestão financeira vai envolver planejamento, objetivos, atitudes e decisões. Estas etapas compõem tanto o planejamento financeiro pessoal quanto o empresarial. Na prática, as finanças das empresas e pessoais possuem grau de proximidade ainda maior para os micro e pequenos empreendedores, uma vez que terminam gerenciando recursos da família e do próprio negócio ao mesmo tempo (CONFESSOR, 2021).

Portanto, a correlação entre finanças pessoais e empresariais é uma realidade muito significativa para os pequenos empresários, uma vez que a forma em que contemplam aspectos de finanças pessoais vão impactar na forma de gerir empresas. Para desenvolver uma administração financeira eficiente, Halpern (2003) afirma que existem três grandes áreas que devem ser analisadas: a educação financeira, como se administra dívidas e como se administra os investimentos. Para o autor, este é um tripé que engloba todos os aspectos de uma correta gestão financeira, tanto sob o aspecto pessoal quanto empresarial.

2.2 Gestão de Crédito

A gestão de crédito é um pilar fundamental na gestão financeira, pois entender a necessidade, o momento e a forma de adquirir crédito vai impactar fortemente no grau de endividamento das pessoas e organizações, limitando a capacidade de pagamento dos custos e despesas e na capacidade de reinvestimento no próprio negócio. A oferta de crédito no Brasil apresentou um grande crescimento nos últimos anos, o processo de financeirização da economia teve em sua raiz a abertura de bancos digitais, corretoras e cooperativas de crédito que ofereceram opções de crédito fora do mercado bancário tradicional e as altas taxas de juros (HUGENTOBLER; HEIDRICH, 2020).

Porém a facilidade na aquisição de crédito pode gerar uma consequência negativa como aumento no nível de endividamento. No ano de 2019, a Confederação Nacional do Comércio (CNC) apontou para um índice no número de famílias que se declaram endividadas de cerca de 64%, um dado que aponta que mais da metade das famílias brasileiras se declararam endividadas.

A utilização de crédito não é conceitualmente negativa e nem deve ser evitado de forma taxativa, mas deve ser planejado de forma estratégica com os devidos cuidados para taxas e percentuais aplicados, o que requer dos administradores conhecimento e cautela para utilizar a oferta de crédito para benefício da gestão financeira saudável. A função do crédito é um fator importante no desenvolvimento econômico em uma nação, uma vez que pode elevar o poder de aquisição das famílias e investimento na capacidade produtiva das micro e pequenas empresas, porém deve ser usado de forma estratégica (CONFESSOR, 2021).

2.3 Gestão de Investimentos

Para Gitman (2001), o investimento pode ser definido como recursos aplicados em modalidades financeiras na forma de dinheiro ou títulos que resultam em retornos maiores do que os recursos empregados originalmente. A forma de capitalização dos valores monetários depende do tipo de aplicação e serve para compensar o tempo em que os valores estiveram investidos.

O investimento também pode ser entendido através da despesa feita ou adquirida em meios de aumentar a capacidade produtiva de uma empresa que irá gerar valor que compensará a despesa obtida. A expectativa de obtenção de lucro deve superar o valor dos recursos financeiros despendidos (VIEIRA NETO; MARINHO; CARVALHO, 2018).

Uma gestão de investimento feita de forma planejada pode gerar para as famílias e as organizações uma forma de obtenção de renda passiva remunerada por juros de mercado. Contudo, deve ser feita de forma cautelosa e planejada, para que, além de auferir a renda pretendida, o investimento possa assegurar liquidez para o gestor em momentos de necessidade de capital (GRAF; GRAF, 2013).

A gestão de investimentos, contudo, não é uma etapa inicial na administração financeira; para que ocorra, é necessário que haja um controle nas finanças de forma organizada. O controle das dívidas em relação à renda é o passo inicial para geração de poupança. Além do controle financeiro, uma gestão de ativos de forma rentável irá demandar das pessoas conhecimento sobre mercado financeiro e das melhores opções de investimento de acordo com os objetivos pretendidos (MIRANDA; LEAL; ARAÚJO, 2017).

Existe uma grande demanda pela educação financeira no Brasil; até o início da década de 2000, a relação que os brasileiros faziam com o termo “investimento” estava relacionada a caderneta de poupança e aquisição de imóveis. Porém, um dos resultados do processo de popularização e financeirização da economia foi a maior participação ativa de brasileiros investindo na bolsa de valores B3, registrado em 2020 (SILVA FILHO *et al.*, 2020).

O mercado financeiro no Brasil está aquecido com a grande participação de pessoas físicas e estrangeiros, porém, o mercado de renda variável e fixa demanda um grande conhecimento em administração financeira e econômica do investidor que deve avaliar sua tolerância a risco em face às características das modalidades financeiras. O mesmo cuidado é exigido na aquisição de bens e serviços sob a motivação de investimento, a capitalização de juros compostos na composição de dívidas é um fato que deve ser cuidadosamente avaliado a médio e longo prazo (VIEIRA NETO; MARINHO; CARVALHO, 2018).

Portanto, enquanto a gestão de crédito e de investimentos evoluem de acordo com o alto nível de inovação tecnológica vivenciada na economia, a educação financeira se torna fundamental para decisões assertivas.

2.4 Educação Financeira

Em uma realidade onde a administração da informação se torna cada vez mais vital para a sobrevivência das empresas, a falta de educação financeira pode acarretar consequências negativas para pessoas e empresas a curto, médio e longo prazo (GITMAN, 2001).

Segundo Assaf Neto (2018), a educação financeira é um conjunto de conhecimento que deve ser apresentado a todas as pessoas em todos os setores da sociedade, uma vez que a educação financeira forma a base para a organização do planejamento financeiro sob o âmbito pessoal e organizacional. A educação financeira, como conhecimento, envolve o modo pelo qual o indivíduo busca adquirir informações necessárias para administrar seus recursos financeiros de acordo com os objetivos que deseja traçar.

A capacidade de gerenciar recursos está fortemente relacionada com o alto grau de endividamento das famílias no Brasil e como uma das razões apontadas como influenciadoras do alto índice de mortalidade das micro e pequenas empresas. Para Leite (2017), a ineficiência na educação financeira resulta em pessoas e empresas vulneráveis aos cenários cada vez mais constantes de instabilidade econômica. Portanto, faz-se necessária a adoção de iniciativas da administração pública na criação e desenvolvimento de políticas públicas que propaguem educação financeira como forma de evitar a mortalidade das micro e pequenas empresas.

Governar as finanças de forma positiva em cenários de instabilidade é fundamental para mitigação dos impactos negativos de acontecimentos não planejados que demandam recursos financeiros com certa urgência. O estresse com eventos financeiros não planejados podem debilitar a saúde financeira das famílias e das empresas e, em certos casos, podem ter impacto devastador caso não se possua uma reserva de emergência ou acesso à crédito (GRAF; GRAF, 2013).

Para as micro e pequenas empresas que tendem a refletir o comportamento financeiro dos seus gestores responsáveis, a saúde financeira pode ter um impacto na motivação de continuar a empreender dos empresários, o que pode explicar o alto índice de mortalidade das empresas desse setor. Por conseguinte, em organizações pequenas e principalmente para os microempreendedores individuais, o conhecimento e hábitos nas finanças pessoais forma a gestão financeira dessas empresas. Investir na educação financeira dos indivíduos pode trazer um impacto bastante positivo na gestão das empresas em geral e principalmente no crescimento econômico (LEITE, 2017).

3. METODOLOGIA

Esse estudo se caracteriza, quanto ao seu objetivo, em uma pesquisa descritiva. Para Vergara (2006), as pesquisas descritivas buscam o entendimento de uma realidade retratando determinados fatos a respeito de uma população ou fenômeno. Com o intuito de descrever as características dos micro e pequenos empreendedores participantes, esta pesquisa utilizou

métodos de estatística multivariada para melhor compreensão das relações entre as variáveis pesquisadas.

Quanto a sua natureza, o estudo é de abordagem quantitativa, pois transforma a realidade em números, através de uma análise objetiva (OLIVEIRA, 2011). Nessa perspectiva, a presente pesquisa utilizou método de análise estatístico multivariado, com enfoque na técnica de análise fatorial e regressão múltipla.

A pesquisa foi delimitada no município de Camaragibe, Estado de Pernambuco. De acordo com o banco de dados do Sebrae (2020), o número total de Microempreendedores Individuais (MEI), Microempresas (ME) e Empresas de Pequeno Porte (EPP) localizados em Camaragibe-PE era de 9.068 organizações cadastradas no ano de 2020, perfazendo o universo dessa pesquisa. O cálculo amostral, levando em consideração erro amostral de 6%, nível de confiança de 94% e distribuição da população mais heterogênea, resultou em 260 casos.

A técnica de amostragem adotada foi não-probabilística com a estratégia de bola de neve. Para Costa (2018), essa estratégia tem a vantagem de engajar os participantes da pesquisa a identificar e envolver outras pessoas que se enquadram no perfil da amostra a participar da pesquisa. Com esse intuito, o questionário online foi enviado para a amostra da pesquisa e encaminhado para outros empresários por indicação daqueles que já participaram, ficando disponível para resposta entre os meses de abril e julho de 2021.

Para ter acesso ao questionário aplicado pelos pesquisadores, os respondentes tiveram que cadastrar CNPJ da empresa para confirmação de que se encaixa no público-alvo de pesquisa. Após quatro meses de disponibilização da pesquisa, 425 questionários foram preenchidos, porém, 55 questionários foram excluídos por apresentar localização da sede diferente do município de Camaragibe ou por apresentar cadastro inativo junto à Receita Federal do Brasil. Portanto, para a pesquisa, apenas MEI, gestores responsáveis por ME e EPP ativas e com localização em Camaragibe foram considerados para análise de dados, perfazendo 370 casos.

Quanto aos aspectos éticos, não houve identificação direta dos respondentes dos questionários e nem exposição das empresas participantes nos resultados. A execução desta pesquisa esteve de acordo com a que normatiza as pesquisas com seres humanos Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, estabelecendo normas e regulamentos com base em autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, enfatizando os direitos e deveres dos participantes da pesquisa, passando pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

3.1. Instrumento de Coleta

Para a coleta de dados, foi desenvolvido um questionário online dividido em 3 partes. Na primeira parte, o respondente encontrou perguntas com abordagem social e demográfica sobre o próprio respondente e a organização, como faixa etária, escolaridade, estado civil, sexo, renda, data de abertura da empresa e atividade desenvolvida pela empresa. A segunda parte do questionário foi adaptado do modelo de Halpern (2003) e Lana *et al.* (2016) para análise de aspectos de conhecimento de gestão financeira, com 34 assertivas a serem analisadas e respondidas de acordo com uma escala Likert de concordância entre 0 e 10. A terceira parte do questionário abordou aspectos generalizáveis em relação à amostra com a assertiva “Eu tenho disposição em continuar a empreender”.

O questionário utilizado foi adaptado de um modelo validado por Halpern (2003), com 34 assertivas, obedecendo a escala Likert de 0 a 10 de concordância com afirmações divididas em 4 constructos: Educação Financeira, Gestão de Crédito, Gestão de Ativos e Estresse com Eventos Financeiros. Uma assertiva foi posta pelos pesquisadores para mensurar o impacto do conhecimento e hábitos financeiros na motivação de continuar a empreender dos respondentes.

3.2. Análise de Dados

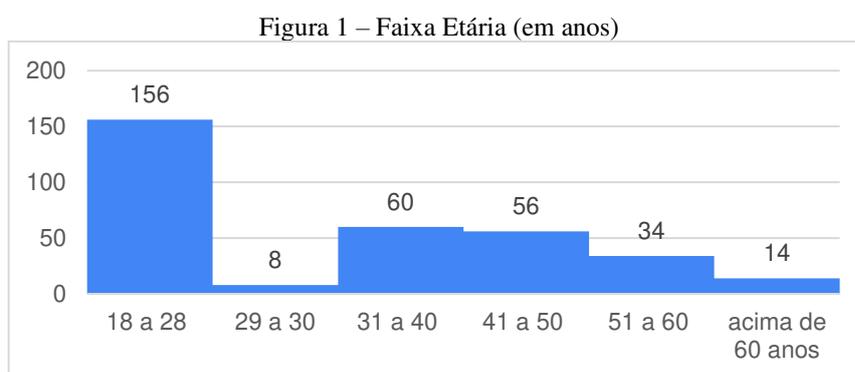
Para a análise dos dados, os pesquisadores obtiveram 425 questionários respondidos, destes, 55 questionários foram excluídos por inatividade de empresa junto ao órgão da Receita Federal ou por estar com sede localizada em outro município. Os 370 casos restantes foram analisados para encontrar inconsistências no banco de dados, com a identificação de casos *missing* (ausência de respostas) e *outliers* (multivariado), foram excluídos do banco de dados mais 41 questionários respondidos, entrando para a análise de dados estatísticos o total de 329 casos (HAIR *et al.* 2009).

Após a análise da estatística descritiva, foi realizada a técnica de regressão linear, uma técnica de estatística multivariada que tem como objetivo identificar se as variáveis independentes explicam uma variação significativa da variável dependente e a possibilidade de prever os valores da variável dependente (MALHOTRA, 2001).

Com os 329 casos válidos, buscou-se identificar, primeiramente, o impacto explicativo das variáveis independentes na variável dependente “Eu considero ter motivação para continuar a empreender”. Todas as análises foram feitas pelo método de estimação “Enter” com teste de multicolinearidade e de correlação entre resíduos.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao avaliar os dados sociodemográficos obtidos sobre a caracterização dos MEI, gestores responsáveis pelas ME e EPP localizadas em Camaragibe, observou-se que 59% dos respondentes se declararam do sexo feminino e 41% masculino, 54% dos respondentes responderam ser solteiros, enquanto 39% afirmaram ter o estado civil de casado. Para as organizações que tiveram representação neste estudo, 190 afirmaram atuar no setor de serviços, 116 no comércio e 22 empresas no setor da indústria. A faixa etária dos respondentes demonstrou uma predominância nas faixas etárias de 18 a 28 anos com 156 respondentes e da faixa 31 a 50 anos com 116 caso apresentados na Figura 1.



Fonte: elaboração dos autores (2021)

Sobre o aspecto educacional, 4 respondentes afirmaram não ter o ensino fundamental completo, enquanto 24 responderam ter o ensino fundamental completo, 174 disseram ter o ensino médio completo e 126 o ensino superior completo. Portanto, cerca de 53% dos empresários têm o ensino médio completo, enquanto 38% o ensino superior completo. Em relação à remuneração, a maioria dos empresários afirmaram obter como rendimento até um salário mínimo (R\$ 1.100,00), conforme demonstrado no Quadro 1.

Quadro 1- Remuneração dos empresários

Salários Mínimos	Quantidade
Até um salário mínimo	140
Entre um salário mínimo e 2 salários	94
Entre dois salários mínimos e 3	34
Acima de 3	60

Fonte: elaboração dos autores (2021)

Ao comparar as duas variáveis, escolaridade e a renda declarada pelos empreendedores, observou-se que, dos 60 respondentes que afirmaram auferir uma renda superior a 3 salários mínimos, 70% declararam possuir curso superior completo. Todos que responderam receber até 3 salários mínimos (268 empreendedores), 32% possuem ensino superior completo, e daqueles que declararam receber até 1 salário mínimo (140 respondentes), 21% possuem ensino superior.

Para a amostra pesquisada, houve uma relação entre escolaridade e renda, uma vez que a quantidade de pessoas com nível superior foram mais presentes nas camadas de maior renda e diminuindo de acordo com as camadas inferiores de renda, enquanto os respondentes com nível médio e fundamental apresentaram crescimento nas faixas de renda menores. Apenas 14 pessoas com nível médio de escolaridade disseram receber mais de 3 salários mínimos, cerca de 23%, ao passo que para a faixa de até 3 salários mínimos o percentual de participação subiu para 60%.

Essa relação demonstra a importância apontada por Graczkowski e Pereira (2021) para a educação como força motriz e um meio efetivo de geração de renda através do desenvolvimento de competências individuais e consequentemente, organizacionais. Outros autores como Becker (1964) e Mincer (1974) demonstraram estatisticamente uma forte correlação entre educação e renda. Não foi objetivo deste estudo este tipo de análise para a amostra estudada, porém se percebe que este é um fator significativo também para os empreendedores no município de Camaragibe.

O nível de educação dos empreendedores é um fator que traz um retorno em conhecimento e no aprimoramento das habilidades, podendo trazer como consequência o aumento de produtividade e maiores retornos financeiros. O nível de escolaridade também apresentou uma relação com a variável tempo de abertura de empresa. Segundo os dados levantados, é possível verificar que, dos 51 respondentes com empresas abertas há mais de 5 anos, todos afirmaram ter curso superior. Devido ao alto índice de mortalidade das micro e pequenas empresas no Brasil, se faz necessário desenvolvimento de políticas públicas voltadas para capacitação dos empreendedores. Aspectos como análise de mercado, desenvolvimento de produtos e serviços, práticas de administração financeira e contabilidade podem repercutir positivamente no aumento da longevidade das empresas, fator fundamental para o desenvolvimento econômico do país.

Esses dados demonstram a importância de um envolvimento da administração pública no incentivo à educação entre os empreendedores, pois, assim como demonstrado por Matos (2017), a adoção de programas visando capacitar os microempreendedores e pequenos empresários aumentam substancialmente o índice de sucesso e o desenvolvimento econômico a partir da adoção de conhecimentos e práticas em gestão financeira.

O conhecimento e as práticas de gestão financeira por parte dos gestores de empresas têm um impacto fundamental no sucesso da organização, principalmente quando as operações das empresas giram em torno das decisões exclusivas dos responsáveis. Essa pesquisa trabalhou com um modelo de questionário validado de Halpern (2003) e Lana *et al.* (2016) que trabalhou 34 assertivas agrupadas em 4 grandes constructos: Educação Financeira, Gestão de Crédito, Gestão de Ativos e Estresse com Eventos Financeiros. O instrumento apresentava uma escala de 0 a 10, onde 0 significava “Discorda Totalmente” e 10 “Concorda Totalmente”. Para as duas

primeiras dimensões (Educação Financeira e Gestão de Crédito), as médias obtidas foram as que constam no Quadro 2.

Quadro 2 – Médias dos constructos 1 – Educação Financeira e 2 – Gestão de Crédito

Educação Financeira	Média	Gestão de Crédito	Média
Tenho anotado o controle de minhas finanças.	5	Tenho financiamentos/empréstimos a pagar em 12 meses.	7
Costumo fazer compras à vista	5	Já tive meu nome incluído no Serviço de Proteção ao Crédito	7
Cuido para nunca gastar mais do que ganho.	6	Consigo controlar minhas dívidas, conforme minha renda	5
Tenho uma reserva para eventuais problemas	4	Já comprometi meu 13º salário (caso tenha esse benefício) deste ano em pagamento de dívidas.	2
Tenho conhecimento sobre finanças pessoais	5	Utilizo opções de crédito como Cartão de Crédito/Talão de Cheques.	6
Costumo ler sobre assuntos relacionados ao tema	6	Utilizo o pagamento da parcela mínima do cartão de crédito	2
Faço meu planejamento pessoal para longo prazo.	4	Possuo empréstimos e/ou financiamentos.	8
Converso sobre finanças com minha família e amigos.	7	Quando me endivido, renegocio minhas dívidas o mais cedo possível.	7

Fonte: elaboração dos autores (2021)

Dentre os resultados que mais se destacam entre as duas dimensões, é possível observar que as médias das variáveis relacionadas “Tenho uma reserva para eventuais problemas” e “Faço meu planejamento pessoal para longo prazo” receberam as menores notas, demonstrando baixa concordância com as afirmações dentro da dimensão “Educação Financeira”.

Para o constructo Gestão de Crédito, as médias das notas atribuídas para as afirmativas demonstram que, para a amostra pesquisada, a utilização de crédito cedido por instituições é um fato comum na gestão financeira das empresas. A média de nota 8 atribuída para a afirmativa “Possuo empréstimos e/ou Financiamentos” demonstra um alto nível de concordância, assim como a afirmativa “Tenho financiamentos/empréstimos a pagar em 12 meses”. Essas respostas indicam para uma realidade onde os micro e pequenos empresários utilizam oferta de crédito e que possuem dívidas de curto prazo, o que pode indicar a utilização de capital com taxas altas de juros.

Sob a relação entre os constructos, é possível observar que houve baixa concordância com a afirmativa relacionada a construção de reserva financeira para eventualidades ao mesmo tempo que uma alta concordância para endividamento de curto prazo. Um cenário que pode ser explicado pela instabilidade econômica, política e crise sanitária vivenciada pelo país durante o tempo da coleta das informações de pesquisa. A utilização de crédito ofertado pelo mercado bancário e outras instituições financeiras requer do gestor conhecimento para administrar receitas e despesas, além de conhecimento sobre matemática financeira para cálculo de taxas de juros e de desconto financeiro. Portanto, para uma saúde financeira organizacional é fundamental que o empresário seja educado em planejamento financeiro.

As médias das afirmativas relacionadas à aquisição de crédito e nível de endividamento foi menor entre o grupo de micro e pequenos empresários que possuem nível superior, ao mesmo tempo que, entre o grupo com nível superior, houve alto grau de concordância com as afirmativas de controle de finanças e desenvolvimento de reserva de emergência financeira.

Para analisar o impacto desses dois constructos na variável que visou mensurar o impacto do conhecimento e hábitos financeiros na motivação de continuar a empreender dos respondentes, foi feita uma regressão linear entre as afirmativas de cada constructo de forma separada. Na primeira análise foram utilizadas como variáveis independentes todas as

afirmativas do constructo Educação Financeira e como variável dependente a afirmativa “Eu considero ter motivação para continuar a empreender”.

Após utilizar o método “Enter” da regressão linear através do software SPSS (versão 18), foi verificado se existiam as condições necessárias para rodar o método. Foi verificado pelo indicador Durbin-Watson não existir autocorrelação entre as variáveis (valor 1,992); o teste ANOVA apresentou índice de significância 0,000 demonstrando que a regressão foi relevante; por último, conforme afirma Gujarati (2012) é necessário que o banco de dados demonstre ausência de multicolinearidade, uma vez que todas as variáveis tiveram fator de inflação da variância (VIF) abaixo de 1,9, cujo valor de referência deve ser abaixo de 10.

As afirmativas que compuseram o constructo Educação Financeira apresentaram o valor de R² ajustado de 0,557 como coeficiente de explicação. Este resultado permite concluir que as afirmativas do constructo Educação Financeira não conseguem explicar a motivação dos micro e pequenos empresários em continuar empreendendo. Para Hair *et al.* (2009), é necessário que os percentuais estejam acima de 70% para que as variáveis possam ser consideradas preditoras e 60% para que possam ser relacionadas. Contudo, com um percentual de 56% de fator de explicação, é possível apontar que as variáveis do constructo Educação Financeira exercem um impacto positivo (embora não explicativo) na amostra sobre a intenção de continuar empreendendo.

Para as variáveis do constructo Gestão de Crédito, foram feitos os mesmos testes com a amostra, apresentando 2,081 de índice de Durbin-Watson, rejeição da hipótese H₀ (os coeficientes de todas as variáveis independentes são iguais a zero) e ausência de multicolinearidade (VIF abaixo de 2,1) conforme referência adotada por Gujarati (2012). O coeficiente de explicação das afirmativas em relação a motivação para continuar a empreender ficou em 0,605 (R² ajustado), o que permite concluir que existe uma relação positiva entre as afirmativas que formam a Gestão de Crédito e a motivação de continuar empreendendo entre a amostra.

Os dois constructos remanescentes da pesquisa, apresentaram os conjuntos de médias constantes no Quadro 3.

Quadro 3 - Médias dos constructos 3 – Gestão de Ativos e 4 – Estresse com Eventos Financeiros

Gestão de Ativos	Média	Estresse com Eventos Financeiros	Média
Possuo um capital investido em previdência privada	2	Possuo pagamentos em atraso.	6
Possuo um capital investido em fundos de investimentos.	3	Não tenho dinheiro para emergências (em conta poupança ou outros investimentos).	6
		Vivo na expectativa do recebimento do salário.	5
Tenho conhecimento sobre investimentos e previdências privadas	4	Não tenho recebimentos previsíveis.	8
		O dinheiro que ganho é insuficiente para cobrir as despesas	5
Possuo capital disponível para investir	2	Eu ganho menos do que a maioria de meus pares (colegas, amigos etc.).	5
		Eu me preocupo com o valor das minhas dívidas	8
Costumo ler e me informar sobre investimentos financeiros	5	Eu tenho empréstimos com altas taxas de juros	5
		Eu faço Despesas com festas e ocasiões especiais	5
Já adquiri bens resultantes de algum investimento financeiro	4	Preciso pedir dinheiro emprestado de familiares e amigos	5
		Eu pago meus impostos em dia	8

Fonte: elaboração dos autores (2021)

As afirmativas que formaram o constructo “Gestão de Ativos” trataram de gestão de bens e investimentos como forma de poupança e conhecimento em planejamento financeiro. O conjunto de baixas médias demonstra que a amostra analisada possui dificuldade em gerir ativos, possivelmente por ausência de conhecimento ou por ausência de recursos. Os resultados

demonstram um baixo nível de concordância para as afirmações relacionadas a possuir capital investido ou disponível para investimento. Em análise por grupos específicos, as pessoas que possuem nível superior completo apresentaram médias maiores em todas as afirmações, em especial para as afirmações: “Possuo capital disponível para investir”, “Possuo um capital investido em previdência privada” e “Tenho conhecimento sobre investimentos e previdência privada”.

A correta gestão de ativos para o mundo empresarial perpassa pela teoria econômica sob a visão neoclássica Keynesiana. A definição adotada por Solow (1956) e Smith (1996) trata da poupança como a quantia que sobra após a liquidação das despesas pelas famílias. A importância econômica da poupança irá refletir na disposição de orçamento público para previdência social nas nações e na disposição de crédito por parte dos bancos para investimento em empresas. Para as empresas, o capital de uma receita corrente líquida positiva pode se transformar em investimento na produção e ampliação de postos de trabalho sem depender de oferta de crédito no mercado bancário. Portanto, para o empresário e para economia, uma gestão de ativos é uma estratégia de crescimento essencial para o crescimento sob o âmbito local e regional.

A gestão de ativos relacionados à poupança tem uma análise semelhante ao quarto constructo “Estresse com Eventos Financeiros”. O conjunto das médias desse constructo demonstrou um nível de concordância razoável, demonstrando que, para a amostra, existe preocupação com eventos inesperados que possam ocorrer e a ausência de recursos para sanar necessidades urgentes de capital. Em cenários de instabilidade, eventos inesperados podem ser extremamente prejudiciais a operação das empresas, em um cenário de grande crise econômica e social como a crise advinda da pandemia do Covid-19, as instituições podem recorrer ao aumento do seu nível de endividamento. Este é um fato que pode derivar de um esgotamento de recursos financeiros, tornando as empresas ainda mais sensíveis a qualquer outro evento que possa ocorrer.

Para analisar a participação desses dois constructos na variável “Eu considero ter motivação para continuar a empreender”, foi realizada a regressão linear. O índice Durbin-Watson apresentado para amostra foi de 2,015, houve rejeição da hipótese H_0 (os coeficientes de todas as variáveis independentes são iguais a zero) e ausência de multicolinearidade (VIF abaixo de 2,2). O coeficiente de explicação das afirmativas do constructo Gestão de Ativos apresentou um coeficiente (R^2 ajustado) de 0,319, apresentando a impossibilidade de explicação devido ao baixo percentual (31,9%), contudo, é um constructo que tem impacto na motivação de continuar empreendendo.

O resultado da regressão com as assertivas do último constructo “Estresse com Eventos Financeiros”, apresentou índice Durbin-Watson de 2,002, rejeição da hipótese H_0 (os coeficientes de todas as variáveis independentes são iguais a zero) e ausência de multicolinearidade (VIF abaixo de 2). O coeficiente de explicação apresentou o menor resultado de todos os constructos, com o R^2 ajustado de 0,090 (0,09%), não servindo, portanto, para explicar, prever ou relacionar com a motivação de continuar a empreender da amostra pesquisada.

De todos os constructos analisados através da regressão linear, o constructo “Gestão de Crédito” foi o que teve maior coeficiente de explicação para a variável “Eu considero ter motivação para continuar a empreender” com fator de 60%, seguido pelo constructo “Educação Financeira” com 55%. O terceiro constructo “Gestão de Ativos” apresentou baixo coeficiente de explicação, porém, o resultado demonstra um impacto positivo.

5. CONCLUSÃO

As organizações empresariais têm um grande desafio diante de um mercado cada vez mais competitivo, na atualização de novas práticas de gestão e na intensa aceleração dos avanços tecnológicos. Para os micros e pequenos empreendedores, a informação através da educação continuada se torna primordial para sustentação de seus negócios de forma financeiramente saudável. A deficiência na competência dos gestores pode resultar em restrição do crescimento das empresas e na economia em que estão inseridas, resultando no aumento das desigualdades sociais e ausência de inovação e desenvolvimento do mercado. Para que haja evolução nas habilidades, conhecimento e técnicas, é necessário que haja investimento em educação. Em todos os cenários analisados durante este trabalho, o grupo que declarou ter o curso superior completo esteve em melhores condições nos quatro constructos utilizados além do impacto positivo na renda.

Em todas as regressões analisadas, a “Gestão de Crédito” foi a que teve o maior coeficiente de explicação na motivação que os micros e pequenos empresários têm para continuar empreendendo. As variáveis que compuseram o constructo de “Educação Financeira” apresentaram resultados próximos de significância e as variáveis dos constructos “Gestão de Ativos” e “Estresse com Eventos Financeiros” apresentaram índices que não permitem concluir relação de explicação na motivação em continuar a empreender. Contudo, é importante levar em consideração que, apesar dos dois últimos constructos mencionados demonstrarem baixo coeficiente de explicação, não foi propósito dessa pesquisa investigar quais destes constructos podem explicar a motivação de continuar a empreender. Os resultados de relação (coeficientes de explicação) dos constructos “Gestão de Ativos” e “Estresse com Eventos Financeiros”, embora baixos, demonstram que existe um impacto positivo, ainda que pouco significativo, na motivação dos micros e pequenos empreendedores.

O constructo “Gestão de Crédito” demonstrou que os gestores possuem uma relação desafiadora de endividamento e esse conjunto de variáveis teve um fator explicativo de 60% na motivação de continuar a empreender. Esse resultado demonstra a importância da educação financeira na gestão de custos e despesas das empresas.

Para a amostra de 329 micro e pequenos empreendedores do município de Camaragibe-PE, os aspectos de educação apresentaram um fator impactante de sucesso organizacional. As pesquisas acadêmicas que buscam descrever a realidade desse tão importante segmento econômico, em municípios de médio e pequeno porte, auxiliam a gestão pública no diagnóstico e no planejamento de políticas públicas efetivas para o desenvolvimento econômico e da qualidade de vida da sociedade.

Essa pesquisa possui uma limitação, pois foi aplicada em uma amostra de empreendedores em um único município do estado de Pernambuco, o que impossibilita a generalização dos resultados para outros municípios. Assim, para futuros trabalhos, sugere-se a adoção deste levantamento em outras cidades e regiões, investigando quais outros fatores podem impactar na motivação empreendedora, além de utilização de técnicas qualitativas para maior aprofundamento do tema.

Apesar dessa limitação, os resultados da pesquisa apontam para o impacto positivo da educação no desenvolvimento de hábitos e gestão financeira. O crescimento econômico se dá quando há o investimento na qualificação da força de trabalho, gerando tecnologia e inovação, um dos principais fatores para a expansão econômica. Portanto, a educação se torna um dos principais pilares da economia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado financeiro**. 14 ed. Rio de Janeiro: Atlas 2018.

BOZZO, Andrea L.; FREITAS, Henrique M.; MARTENS, Cristina D. P.; SANTANA, Alex S. Ideologia de vida e motivação empreendedora. **RACE - Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, v. 18, n. 2, p. 281-298, 2019.

BRUNO, Miguel. Financeirização e crescimento econômico: o caso do Brasil. **ComCiência**, Campinas, n. 128, 2011.

CONFESSOR, Kliver L. A. Conhecimento da Educação Financeira e Finanças Pessoais dos Concluintes em Administração e Ciências Contábeis em Recife/Pe. **Revista Brasileira de Administração Científica**, v. 12, n. 3, 2021.

COSTA, Barbara Regina Lopes. Bola de neve virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 7, n. 1, 2018.

FARAH, Osvaldo Elias; CAVALCANTI, Marly; MARCONDES, Luciana Passos. **Empreendedorismo estratégico: criação e gestão de pequenas empresas**. Cengage Learning, 2020.

GITMAN, L. J. **Princípios de Administração Financeira**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

GRACZKOWSKI, Jefferson Vinicius; PEREIRA, Adriano Willian da Silva Viana. **Política pública de formação para o trabalho: o papel da educação profissional e tecnológica na relação entre educação e geração de renda, à luz da teoria do capital humano**. Editora-chefe, p. 73, 2021.

GRAF, Claudir Olipio; GRAF, Marleni. Planejamento Financeiro: Fugindo das dívidas. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, n. 11, v. 2, p. 183-191, 2013

GUJARATI, Damodar. **Econometrics by example**. Macmillan, 2012.

HAIR, Joseph F. et al. **Análise multivariada de dados**. Bookman editora, 2009.

HALPERN, Mauro. **Gestão de Investimentos**. São Paulo: Saint Paul Institute of Finance, 2003.

HUGENTOBLER, Luiz Guilherme; HEIDRICH, Regina. A Importância da Dissociação entre as Finanças Empresariais e as Finanças Pessoais dos Empresários Individuais do Município de Taquara/RS. **Revista de Administração de Empresas Eletrônica-RAEE**, n. 13, p. 157-186, 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**. 2021 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/camaragibe/panorama>. Acesso: 01 jul 2021.

LANA, J.; LIZOTE, S.A.; ROCHA, A.; BRAND, A.; VERDINELLI, M. A. Um estudo sobre a relação entre o perfil individual e as finanças pessoais dos alunos de uma instituição de ensino superior de Santa Catarina. **Revista da UNIFEBE**, ISSN 2177-742X, Brusque, v. 1, n. 19, set/dez. 2016.

LEITE, Emanuel Ferreira. **O fenômeno do empreendedorismo**. Saraiva Educação SA, 2017.

LOPES, Rose; ALMEIDA, Mary; LIMA, Edmilson. Desafios atuais e caminhos promissores para a pesquisa em empreendedorismo. **Revista de Administração de Empresas**, v. 59, n. 4, p. 284-292, 2019.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MATOS, Welington de Andrade Matos. Educação Empreendedora: sua Importância como Fator de Redução da Mortalidade Precoce das Micro e Pequenas Empresas. **Revista Educação**, v. 12, n. 2, 2017.

MIGUEZ, Viviane Brandão; LEZANA, Álvaro Guillermo Rojas. Empreendedorismo e inovação: a evolução dos fatores que influenciam o empreendedorismo corporativo. Navus: **Revista de Gestão e Tecnologia**, v. 8, n. 2, p. 112-132, 2018.

MIRANDA, Rhayane Aparecida Ferreira; LEAL, Edvalda Araújo; ARAÚJO, Tamires Sousa. Finanças pessoais: um estudo das associações entre o conhecimento sobre finanças e as características dos estudantes universitários da área de negócios. In: **CONGRESSO ANPCONT**. Belo Horizonte 2017. Anais. Belo Horizonte. 2017. p. 1-20.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração. **Universidade Federal de Goiás. Catalão—GO**, 2011.

ROSS, S.; WESTERFIELD, R.; JAFFE, J. F. **Administração financeira**. São Paulo: Atlas, 1995

SEBRAE - SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESA. **Pequenos negócios incrementam geração de empregos em 115%**. 2020. Disponível em: <https://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/pequenos-negocios-incrementam-geracao-de-empregos-em-115,5351f0279f67a710VgnVCM100000d701210aRCRD>. Acesso em: 16 fev. 2021.

SEBRAE. **Estudo de mercado – pequenos negócios em números**. 2016. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sp/sebraeaz/pequenos-negocios-em-numeros,12e8794363447510VgnVCM1000004c00210aRCCR>. Acesso em 22 mar. 2021.

SILVA, Aline de Fátima Guedes; FARAGO, Randal. A importância e os benefícios da implantação de um programa de educação financeira nas empresas. **Revista Linguagem Acadêmica**, v. 3, n. 1, p. 125-144, 2013.

SILVA FILHO, Edvaldo Dias; BRUGNI, Talles V.; NOSSA, Sylvania N.; BEIRUTH, Aziz X. A adoção das normas internacionais de contabilidade e os investimentos estrangeiros no mercado brasileiro. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 17, n. 44, p. 142-153, 2020.

SIQUEIRA, Lilian dos santos; BARBOSA, Claudia Kauffmann. A importância da gestão financeira nas micro e pequenas empresas. **UNILUS Ensino e Pesquisa**, v. 13, n. 33, p. 106-121, 2017

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. 1 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SOLOW, R. M. A contribution to the theory of economic growth. **The Quarterly Journal of Economics**, v. 70, n. 1, p. 65-94, 1956.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.

VIEIRA, Guilherme A.; LUCAS, Felipe F.; GOMES, Carlos F. S.; SANTOS, Marcos. Análise prospectiva do mercado de capitais brasileiro pós-covid19: uma visão macroeconômica. **Revista Simep**, v. 1, n. 1, 2021.

VIEIRA NETO, Julio; MARINHO, Mauro Soares; CARVALHO, Patricia Santos. Desafios da implantação do planejamento estratégico pela micro e pequena empresa. **Espacios**, v. 39, n. 33, 2018.